



**Academia de Ativismo**



# ACADEMIA DE ATIVISMO

DA INSPIRAÇÃO À AÇÃO

25 de junho a 10 de julho 2020 | Online [#AcademiadeAtivismo](#)



Título: **Academia de Ativismo**

Autor: Francesco Capellini

Revisão: Tânia Gaspar

Edição e grafismo: António Barata

Capa: PPCR - Comunicação, Lda

Composição: Animar

Edição: Animar - Associação Portuguesa  
para o Desenvolvimento Local

Impressão  
e acabamento: CMVA Print

Fevereiro de 2021

# SUMÁRIO

- 4 Enquadramento
  - 5 Introdução
  - 7 Descrição técnica
  - 8 Parceria
  - 10 Processo de seleção
  - 11 Participantes
  - 23 Metodologia
  - 27 Estrutura
  - 29 Ambiente e alterações climáticas
  - 38 Habitação e direito à cidade
  - 47 Discriminação étnico-racial e direitos dos/das migrantes
  - 58 Feminismo
  - 71 Participação e cidadania europeia
  - 76 Biblioteca de recursos
  - 79 Equipa da Academia
  - 83 Testemunhos
-

# ENQUADRAMENTO

A Academia de Ativismo foi uma iniciativa que teve como objetivo juntar jovens de todo o país, entre os 18 e os 25 anos, para refletir sobre os desafios emergentes e potenciar o desenvolvimento de ideias transformadoras da nossa sociedade. Este foi um espaço de partilha, debate, formação, *networking* e ação.

Em virtude do potencial da parceria organizadora, a Academia possibilitou a criação de uma estrutura de suporte para jovens capazes de assumir a liderança da transformação nos próprios territórios.

As temáticas em discussão foram:

- Ambiente e Justiça Climática
- Discriminação Étnico-Racial e Direitos dos/as Migrantes
- Feminismo
- Habitação e Direito à Cidade
- Participação e Cidadania Europeia





---

# INTRODUÇÃO

---

A iniciativa *Academia de Ativismo - da "Inspiração à Ação"* representa a aposta da Animar em ser uma organização construída e projetada no futuro, através do olhar da juventude, procurando a sustentação do Desenvolvimento Local enquanto impulsionador da Transformação social. O acreditar num sonho pessoal, e numa academia de ativação, foi abraçado pelas diferentes organizações na co-criação de um evento de ativação da colaboração e cooperação entre pares, tentando assim contribuir para a procura incessante de ativar, preparar e orientar os/as jovens nos processos de desenvolvimento.

Desencaixar as respostas atuais com participação, cidadania e ativismo foi estruturante na organização da academia. Duas escolhas assumiram especial relevo: por um lado, desafiar a aposta estratégica de tentar organizar o ativismo de uma forma integrada e mais legítima,

interligando causas individuais e ações de capacitação; por outro, o objetivo de agregar jovens com o fim de criar uma comunidade (*community*) de aprendizagem e colaboração. Escolheu-se dar particular atenção à capacitação, assumindo-se um percurso de promoção da autonomia que vai além da ação pontual que se inicia e termina no evento da Academia, tentando criar um contexto abrangente potenciador da descoberta de futuras ideias e oportunidades no percurso de vida de cada participante.

Nos dois casos, aceitou-se o desafio, apesar da sua complexidade.

Acreditamos que o ativismo deve ser um percurso de recuperação das aprendizagens e boas referências do passado, projetando a voz da juventude no futuro, inspiradas em modelos e debates estimulantes entre pares, no enfrentamento e na superação de desafios, na comparação de experiências, em particular, das vividas na primeira pessoa. Assim, determinados em não abdicar da responsabilidade de sermos educadores, as organizações promotoras decidiram assumir o papel de facilitadores e animadores de processos que visam encontrar respostas para as necessidades sentidas pelos/as jovens, na criação do que importa: um sentido de vida com ativismo e procura da justiça social e climática nesta nossa única e extraordinária casa comum, partilhada com tantos outros seres vivos.

Assim se inicia a caminhada desta *Academia de Ativismo* que, com este *Caderno Temático* pretende orientar os/as leitores/as no seu processo de co-construção e aprendizagem recíproca.

*Marco Domingues*  
*Presidente da Animar*

---

# DESCRIÇÃO TÉCNICA

LOGÍSTICA | OBJETIVOS | DESTINATÁRIOS/AS

---

**Ação** 1ª edição da Academia de Ativismo

**Local** Online | Plataforma Zoom

**Datas de Realização** 25 de junho — 10 de julho

**Objetivos gerais**

- criar um *espaço privilegiado* de partilha, formação e ação para o ativismo a 360º
- *juntar jovens proativos/as* numa comunidade geradora de desafios, ideias e oportunidades
- propor uma *metodologia inovadora* de trabalho juvenil

**Objetivos Específicos**

- *sensibilizar e inspirar* para o ativismo nas suas diferentes áreas de ação
- *formar* para o ativismo nas suas diferentes formas de expressão
- acompanhar o *desenvolvimento de ideias* de ativismo ao nível local
- apoiar a *implementação de ideias* de ativismo

**Destinatários** Jovens entre 18 e 25 anos, proativos/as, ansiosos/as e determinados/as em colaborar para construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável.



---

# PARCERIA

ANIMAR | FES PORTUGAL | IMVF | ECOGERMINAR

---

*A Animar - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local*, criada em 1993, é uma Rede de entidades e pessoas interessadas em criar sinergias e em avançar modelos e propostas estruturantes de fortalecimento e valorização dos territórios e das pessoas.

A sua **missão** é a de valorizar, promover e reforçar o desenvolvimento local, a economia social e solidária, a cidadania ativa, a igualdade e a coesão, enquanto pilares de uma sociedade mais justa, equitativa, solidária e sustentável.

A **FES Portugal (Friedrich Ebert Stiftung)** é uma importante fundação social-democrata alemã, fundada em 1925 após a morte de Friedrich Ebert, primeiro Presidente alemão democraticamente eleito.

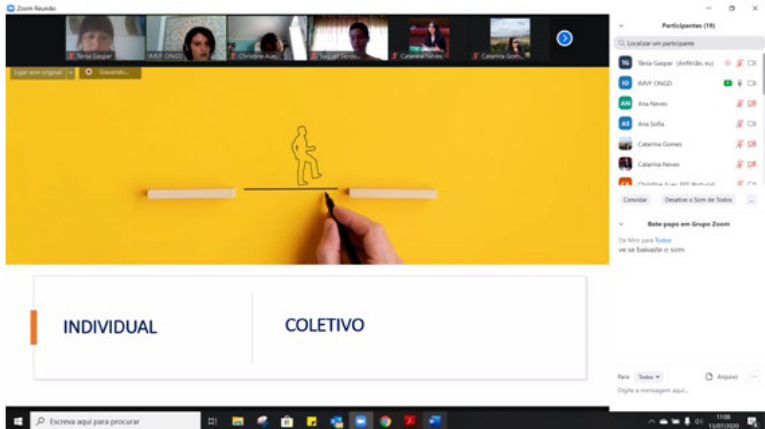
O seu trabalho foca-se na formação política segundo os princípios e valores da social-democracia; na concessão de bolsas a jovens estudantes facilitando-lhes o acesso à universidade e à investigação; na cooperação e entendimento internacional.

O **Instituto Marques Valle Flôr (IMVF)**, criado em 1951, é uma Instituição Privada de Utilidade Pública que realiza o seu trabalho principalmente nos países de língua oficial portuguesa, destacando-se nos domínios da cooperação, da cidadania global e da reflexão sobre o desenvolvimento. Tem por missão a promoção da dignidade humana e a melhoria das condições de vida das populações mais vulneráveis.

A **EcoGerminar** é uma associação sem fins lucrativos, com práticas de boa gestão e governança, constituída em Castelo Branco no ano de 2006. A EcoGerminar (eco de economia solidária e ecologia, como factores capazes de fazer germinar “desenvolvimento sustentável”) promove iniciativas em parceria tendo em vista promover economia solidária e desenvolvimento local através da capacitação das comunidades para transformarem a sociedade.

A **Academia de Ativismo** foi uma aposta conjunta para a educação das novas gerações, acreditando no potencial de jovens que, inspirados/as, empoderados/as, orientados/as e apoiados/as, serão protagonistas da mudança para uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável.

# PROCESSO DE SELEÇÃO



A primeira edição da Academia de Ativismo recebeu 99 candidaturas, tendo sido selecionados/as 26 participantes.

Pensada como um espaço justo, inclusivo, não discriminatório, capaz de assegurar uma elevada qualidade educativa, resultou nos critérios de seleção seguintes:

**Território** | *“o desenvolvimento territorial não equilibrado é a premissa, senão a garantia, da desigualdade social”* |

Com a parceria com a Associação EcoGerminar garantimos a representatividade do território em que se insere, promovendo assim o seu desenvolvimento equilibrado.

**Diversidade** | *“a sabedoria é aceitar a diversidade sem combater as diferenças”* | Acreditamos que a aprendizagem aumenta com a diversidade das experiências. Por isso, privilegiámos a heterogeneidade do grupo no que diz respeito ao género, idade e experiência de vida

**Interesses e motivação** | *“o interesse em aprender o que não sei é a mais poderosa extensão do meu conhecimento”* |

Pretendendo a Academia ser um processo em contínua evolução, cocriado pelos/as participantes e adaptado às mudanças da realidade, os interesses e as motivações de cada um/a foram considerados e valorizados.

**PARTI  
CIPAN  
TES**

1ª EDIÇÃO



**Gabriela Leite**, licenciada em Educação e mestre em Mediação Educacional.

“Como cidadã, com direitos de deveres, sempre que tenho oportunidade uso a minha voz para promover o debate e as mudanças sociais e políticas na nossa comunidade.

Desde cedo, envolvi-me em projetos de associativismo e voluntariado local.

Trabalho numa associação, no norte do país, que procura promover uma educação holística junto de crianças e jovens, e tenho um projeto de feminismo internacional”.

**Catarina Martinho**, licenciada em Ciência Política e Políticas Públicas, a terminar o mestrado de Gestão no ISCTE-IUL.

“Sempre utilizei os jantares familiares para defender as causas que me interessam, da igualdade de género à sustentabilidade e à educação política, procurando inspirar quem me rodeia a fazer mudanças.

Integrei o Núcleo de Alunos de Ciência Política e trabalhei com crianças e jovens no Leste da Ucrânia, educando-os/as acerca da União Europeia, dos valores democráticos e da cidadania.

Também trabalhei em Bruxelas, numa consultora de assuntos europeus”.



**Margarida Coelho**, licenciada em Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

“Como projeto de licenciatura criei *Línguas Venenosas* com o objectivo de consciencializar sobre o assédio nas ruas e contribuir para a sua erradicação.

Faço parte da **Women2Women Portugal**, onde sou uma das responsáveis pela equipa de *design*.

Em Setembro de 2020 inicie o mestrado em Design Social na Design Academy Eindhoven, nos Países Baixos”.



### **Francisco Leal**

*Política:* Anarquicamente autárquico

*Religião:* Gott ist tot

*Ética:* Kant

*Causas:* Salvar o mundo!

*Comida favorita:* Pizza, com ou sem ananás, com qualquer coisa que não me faça sentir remorsos

*Música favorita:* Dayvan Cowboy

*Livro favorito:* ainda não o comecei a escrever

*Defeito favorito:* Desobediência

*Definir-me numa palavra:* Extraordinário ... e humilde

*Formação académica:* Filosofia

*Interesses:* Psicologia evolutiva, *free-running*, voluntariado ambiental

*Medos:* Não irmos a tempo de mudar

*Sonhos:* Ver a mudança!



**Ana Carvalho**, engenheira e activista.

“Comecei por participar nas Marchas Feministas, Anti-Racistas e pelos direitos LGBTQI+. Fiz parte do *QueerIST* e ajudei o movimento *queer* universitário a arrançar em Portugal.

Na Alemanha, juntei-me ao partido pan-europeu *Volt Europa*, defensor dos direitos humanos.

Aprendi Organização e Liderança na Harvard Kennedy School.

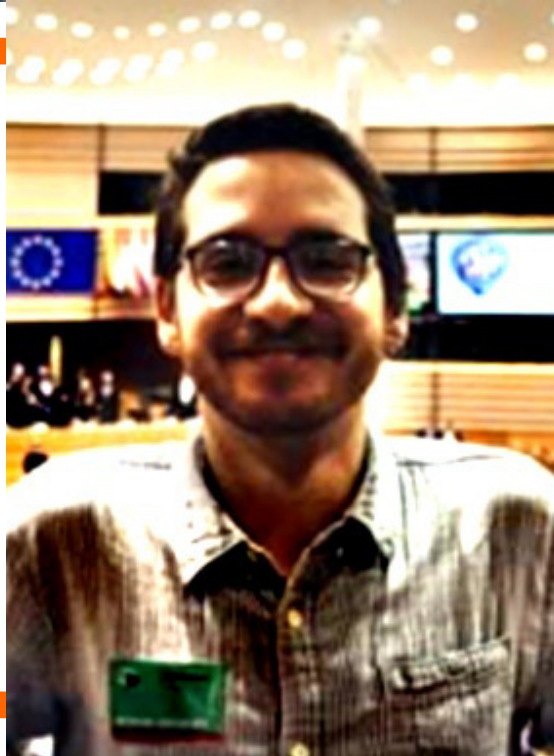
Agora, em Portugal, sou Secretária-Geral do *Volt Portugal*, partido que procura aproximar a Europa dos Portugueses e mostrar que qualquer um pode (e deve!) fazer política”.

**Francisco Paupério**, formado em Biologia e especializado em biologia computacional.

“Neste momento encontro-me a fazer o PhD em Biomedicina e Biologia integrativa no Instituto Gulbenkian de Ciência. Apaixonado por viajar e conhecer outras culturas, já estive em 35 países e 4 continentes.

O que me move é o sentido de justiça e contribuir para um futuro mais justo, não só para as pessoas, mas também para todo o planeta.

Acredito que o que poderá fazer mudar o rumo será a educação e consciencialização através da ciência”.



**Mariana Coito**, estudante de Licenciatura em Serviço Social no Instituto Politécnico de Castelo Branco.

“Sou novata no mundo do ativismo, sendo a *Academia* o meu primeiro contacto com o mesmo. Apesar disso tenho grande vontade de participar em mais (e aprender ainda mais) e em fazer o bem pelos/as outros e pelo mundo.

Sou bastante focada em pessoas e nos animais e todos os direitos que cada um de nós tem e que todos/as deveriam ter acesso.

O meu lema é deixar uma situação sempre melhor do que a encontrei!”



**Ana Sofia Souto**, colaboradora na *Associação Internacional Almada-Mundo*, onde desenvolve ações na área da Promoção da Leitura.

“Poliglota e apaixonada por literaturas e culturas do mundo, destaco-me pela competência de comunicação intra e intercultural, pela especial sensibilidade perante o outro, e pela forte consciência de que a cooperação e a entreaajuda têm de estar na ordem do dia para construir uma sociedade mais justa.

No contexto da *Academia do Ativismo*, desenvolvi um projeto que pretende dar a conhecer a riqueza multicultural, multiétnica e multilinguística de Almada”.



**Catarina Massa Gomes**, licenciada em ciência política pelo ISCTE e mestranda de estudos de desenvolvimento.

“Em 2019, com um grupo de amigos, fundei a *Associação Efeito Dominó* com o objetivo é acabar com as desigualdades sociais.

Desde sempre soube que queria fazer alguma mudança no mundo, porque é impossível que ele fique assim para sempre e que nós não façamos nada.

A *Academia* veio ajudar-me imenso nesse sentido e dar-me mais armas para não desistir. Só posso agradecer e dizer que vou fazer o melhor que posso com o que vocês me ensinaram.

A mudança é possível, só tem de partir de nós”.

**Maria Castanheira**, licenciada em Ciências da Comunicação pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

“Frequento o Mestrado em Estudos sobre as Mulheres - as Mulheres na Sociedade e na Cultura.

Em 2019, tive publicado peças jornalísticas com forte pendor social e cultural na *SIC Notícias* e na *Ler Devagar*.

Colaborei com o SPEAK (organização social que promove a integração de migrantes e refugiados/as) enquanto gestora das suas redes sociais.

Sou cofundadora da *Palimpsesto - plataforma de divulgação de ensaios académicos*.



**Milton Tavares**, frequenta o mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional.

“Voluntariado na associação *Os Amigos Improváveis*, fazia visitas e acompanhava uma idosa nas idas ao médico. Depois, durante o confinamento, na fundação AMI - *Prjecto Os amigos são para as ocasiões*.

Foi formando na *Academia de Líderes Ubuntu* e realizei um estágio curricular na *Associação Toca Rufar* e outro no Instituto Marquês de Valle Flôr (final de mestrado/ISEG) .

Frequentei o curso em Comércio e Negócios Internacionais no ISCAL - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa”.



**Mariana Mazza**, formada em Comunicação Multimédia.

“Vinda da periferia paulistana, sempre tive o sonho de melhorar a vida da minha comunidade local. Aos 15 anos tornei-me vegana e comecei a estudar a realidade material, onde entrei em contacto com projetos de soberania alimentar como o MTST e o *Via Campesina*.

Fui voluntaria numa ONG de desenvolvimento juvenil na Polónia, onde desenvolvi projetos sobre educação e sustentabilidade para crianças. Atualmente estudo Design de Comunicação na Universidade do Porto, desenvolvo projetos voltados para o direito à cidade e à alimentação saudável. Milito ativamente na Juventude Comunista Portuguesa.

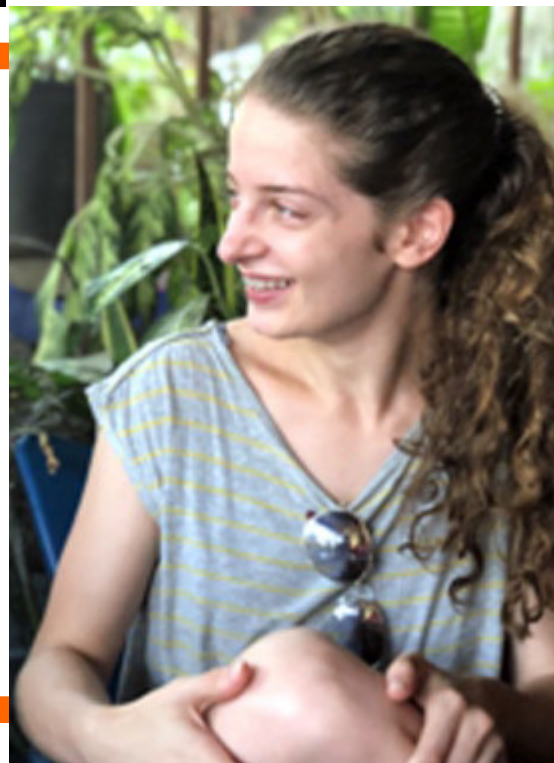


**Daniel Borges**, estudante de Ciências da Comunicação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, coordenador do projecto de jornalismo musical *Tracks*, do projecto de jornalismo pela defesa dos direitos humanos *A Sentinela*, e fundador do núcleo da sociedade de debate da Universidade Nova na FCSH - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

**Joana Martins**, formada em Terapia Ocupacional.

“Como profissional estou focada em promover a funcionalidade, a autonomia e a independência. Como cidadã, em participar na transformação positiva e na defesa dos direitos humanos.

Sou voluntária na ONGD *GASNova*, tendo participado no seu primeiro projeto ambiental em Cabo Verde, no Verão 2019”.



**Joana Freitas**, gestora de projetos transnacionais para jovens e professora de inglês.

“Sou voluntária da *ESN Porto*, da *Euro Youth Mental Health* e membro da *Youth Network* do Parlamento Europeu.

Particpei em projetos de educação não-formal em dezenas de países e estou a tirar um Mestrado em Inovação e Empreendedorismo Social.

Estou a co-criar dois projetos: um na área da juventude e cidadania, outro sobre Economia Social e Solidária”.



**Carolina Chora Alves**, estuda Ciências da Comunicação na FCSH-UNL.

“Desde criança que o teatro me mostrou que o mundo podia ser ideias, podia ser político, podia ser mudança.

Questiono-me sobre o porquê de ainda se realizarem testes em animais, se queimar a Amazônia ou amor ainda ser medido em tabelas de heteronormatividade.

Foi o movimento estudantil que me abriu portas para reivindicar os meus direitos, apelar a um mundo melhor, encontrar a minha voz e ouvir a de outros.

O meu grande interesse por literatura, cinema, dança e teatro, fez-me descobrir que a arte pode ser contestação, resistência, libertação e crítica”.



### **Raquel Serdoura**

“Desde pequena reparei que existem desigualdades baseadas em coisas que não controlamos – a nossa cor de pele, o nosso corpo ou até o nosso gênero. Incomodada, decidi educar-me sobre as temáticas e tentar educar também os outros. O que nem sempre correu bem. Juntei-me a movimentos, como a *Academia de Ativismo*, porque me fazem sentir que não estamos sozinhos.

A minha grande paixão é o feminismo e os direitos das mulheres, sendo que o meu ativismo se revê muito na criação de iniciativas que possam empoderar e educar as pessoas sobre a importância da igualdade de gênero”.

**Mourana Moura Monteiro**, frequenta o mestrado em Neurociências Cognitivas e Neuropsicologia.

“Amante de ciências humanas e sociais, com um carinho especial pela promoção da saúde mental. Canhota na política. Ativista Interseccional. Feminista. Anti-Racista. Anti-Fascista. E contra todas as formas de discriminação.

Escoteira-chefe da Alcateia na AEP. Como nem sempre dá para estar em todo o lado, de momento dedico grande parte do meu tempo à *Brigada Estudantil e Greve Climática Estudantil*.

Revoltada com o presente. Esperançosa em relação ao futuro”.



**Pedro Pinto**, licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e apaixonado pela educação.

“Durante o meu percurso académico dediquei-me ao voluntariado e à criação de projetos relacionados com as letras e a cultura.

Tornei-me mentor da primeira geração da *Teach For Portugal* para apoiar crianças de meios socioeconómicos desfavorecidos. Depois, criei o projeto *Pontes para a Inclusão*, para apoiar as comunidades ciganas que a escola serve e promover o sucesso escolar destes/as jovens.

Este percurso levou-me a perceber o impacto da educação e da empatia”.



**Carolina de Albuquerque**, estagiária na Comissão Europeia.

“Lembro-me de fazer voluntariado desde sempre, nas mais diversas áreas. Estou constantemente à procura de novas maneiras de comunicar o projeto europeu e de alargar a esfera de diálogo europeia, tentando mostrar, simultaneamente, que os/as jovens estão interessados/as em participar no diálogo político e que a nossa participação gera valor-acrescentado”.



**Beatriz Henriques Peixoto Capão**, frequenta o último ano do curso de Ciência Política, no ISCSP-UL.

“Desde cedo que a minha vontade de aprender se fundiu com a de ajudar, o que me levou a envolver em vários projetos de voluntariado, apaixonando-se pelos Direitos Humanos.

Faço parte de equipas que trabalham nas áreas da Igualdade de Género e na proteção ambiental.

Gosto de meter as mãos na massa por aquilo em que acredito. Envolvo-me em atividades que me permitam interagir de forma ativa com a comunidade”.

**Beatriz Duarte Couto**, estuda Criatividade e Inovação Empresarial.

“Ativista e dirigente associativa, passei pelo *Parlamento dos Jovens*, uma *Associação de Estudantes*, pela política partidária e sou voluntária em projetos sociais.

Fundi uma associação juvenil comprometida com os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, depois a *YOUTH DREAM-ASSOCIAÇÃO*, que integra o *Projeto IMAGINE PORTO* (apoiado pelo *Corpo Europeu de Solidariedade*), de apoio a pessoas Sem-Abrigo.

Sou embaixadora da candidatura de Gaia a Capital Europeia da Juventude 2024”.



# METODOLOGIA

INSPIRAÇÃO | FORMAÇÃO | INCUBAÇÃO | AÇÃO

A caracterização da metodologia está resumida no subtítulo da Academia: “...*da Inspiração à Ação!*” — não queríamos algo pontual, pelo que procurámos estruturar um percurso mais holístico e complexo, comprometendo-nos no acompanhamento dos/as participantes ao longo de diferentes fases, num caminho de co-construção e em contínua evolução.

## 0. INTRODUÇÃO

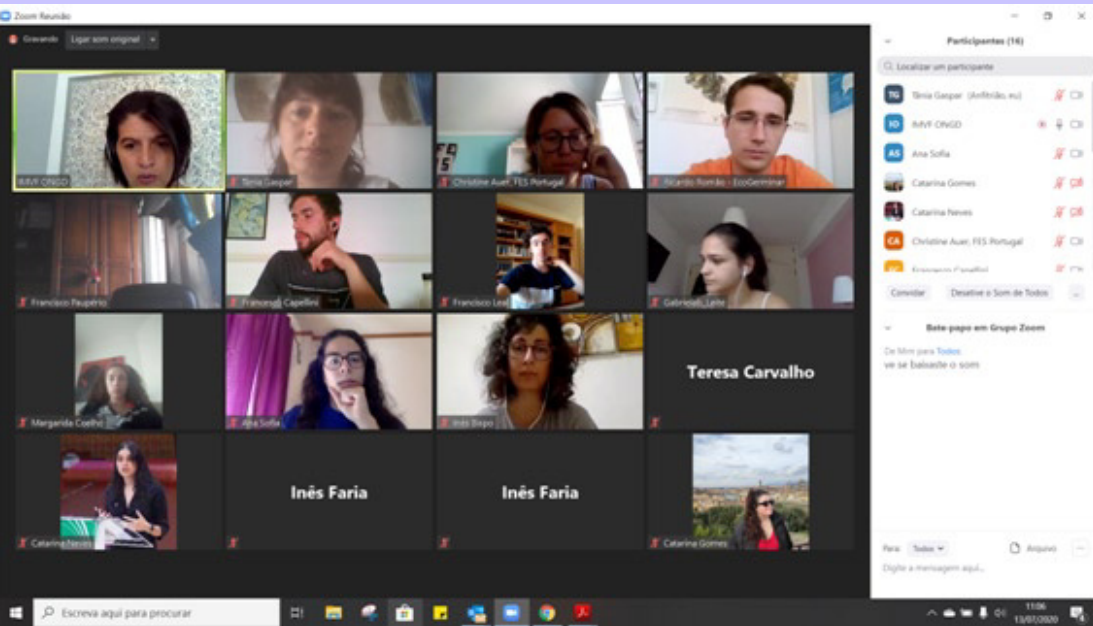
A Academia teve o seu início com uma palestra de personalidades com um percurso reconhecido no domínio das causas da Academia, nomeadamente dos Direitos Humanos.

## 1. INSPIRAÇÃO

A primeira semana foi dedicada à inspiração e ao conhecimento das mais importantes lutas do ativismo em diferentes áreas (Ambiente e Justiça Climática | Habitação e Direito à Cidade | Feminismo | Anti-racismo e Direitos dos/as Migrantes | Participação e Cidadania Europeia) através de ativistas e empreendedores/as envolvidos em diferentes causas.

Dois elementos a destacar:

- o papel motivador e inspirador dos/as convidados/as. A qualidade das suas intervenções e a forma como coordenaram os temas fizeram com que os/as jovens se envolvessem e acreditassem na possibilidade da mudança e sucesso das suas ideias e ações;



- reconhecer o ativismo como um fenómeno complexo e integrado, dado que normalmente o “setor” mobiliza-se por causas individuais, sem trabalhar os assuntos, como se estes estivessem interligados e fossem provocados por um mesmo sistema.

## 2. FORMAÇÃO

Após a fase de motivação e inspiração dos/das participantes, a segunda semana focou-se na sua formação com base em metodologias específicas capazes de tornar o ativismo mais eficaz: sessões lideradas pelos/as ativistas convidados/as de *storytelling*, ativismo digital, comunicação inclusiva e ‘*artivismo*’, que foram complementadas por outras, de aprendizagem colaborativa, elaboradas de forma participativa e não formal pelos/as jovens selecionados/as.

A destacar:

- a parte ativa desenrolou-se a par formação;
- reconheceu-se a complexidade da aprendizagem e a não univocidade dos fluxos de conhecimento: cada um tem algo para ensinar e partilhar, o que tem que ser valorizado para que os/as jovens se sintam agentes ativos/as, capazes de influenciar a realidade.

### 3. INCUBAÇÃO DE IDEIAS

Os/as participantes foram desafiados/as a apresentar ideias e propostas relacionadas com as temáticas tratadas: a aprendizagem passou também por se desafiar a si próprios, *'sair da caixa'*, testar a capacidade individual de análise da realidade e tentar transformar o potencial em real. Além disso, como frequentemente temos que encontrar respostas para novos desafios, torna-se necessário despertar e motivar os/as jovens para adotarem uma atitude de procura e elaboração de respostas a partir de si próprios.

Nesta fase, os/as participantes foram acompanhados/as pela equipa da Academia e pelos/as ativistas que participaram na qualidade de mentores/as.

A destacar:

- o reconhecimento do poder das dinâmicas *bottom-up* na inovação, bem como acreditar no contributo de cada um e valorizá-lo
- a importância de escolher as próprias batalhas

### 4. AÇÃO

Indo para além do período oficial de duração da Academia, procurou-se dar a possibilidade aos e às participantes de materializar as suas ideias. É pela ação que nós nos consciencializamos e mudamos a sociedade: ***fazemos a mudança, em vez de sofrê-la.***

A abrangência da Rede Animar em termos de ligação com organizações e territórios, bem como a disponibilidade dos membros da parceria, fizeram com que fosse possível concretizar as ideias de alguns dos/as participantes. A ideia é que os/as jovens não tenham que recomeçar do zero depois de terminada a Academia, mas que esta tenha sido um primeiro passo para a assunção de um compromisso mais informado dentro do mundo do ativismo e da cidadania ativa.

A destacar:

- reconhecer que as coisas não têm que ser sempre assim só porque foi assim que as conhecemos (portanto, reconhecer o poder transformador);
- reconhecer o papel fundamental da orientação nos processos de formação e aprendizagem: não é só assimilar conteúdos, mas perceber como, onde e quando (qual o contexto? quais os/as agentes? quais os canais de atuação?); ou seja, como cada pessoa pode concretizar as ideias em que acredita.

# ESTRUTURA

25 JUNHO - 10 JULHO

## 1. INTRODUÇÃO

25 e 26 de Junho

A *Academia de Ativismo* arrancou com um debate público sobre o tema *O Mundo que temos e o Mundo que queremos - Ações e Vozes de Alerta*.

Em conjunto com oradores/as de diversas áreas tentámos perceber melhor a situação actual, as crises múltiplas que enfrentamos e, sobretudo, maneiras de agir para a mudança neste contexto.

No segundo dia conhecemo-nos todos/as um pouco melhor. Falámos sobre o programa *Academia* e as expectativas, ideias e dúvidas.

25 de Junho | 17,30 h. - 19,00 h.

Debate público

*O Mundo que temos e o Mundo que queremos - Ações e Vozes de Alerta*



26 de Junho | 10,30 h. - 12,30 h.

Bem vindos/as à *Academia de Ativismo*!

*Sessão de conhecimento mútuo entre participantes*

Debate:

<https://www.facebook.com/100715638327297/videos/263219941628777>

## 2. INSPIRAÇÃO

29 de junho a 3 de julho

Durante uma semana, com duas sessões por dia, conhecemos experiências de ativistas das seguintes áreas:

- Ambiente e alterações climáticas;
- Discriminação Étnico-Racial e Direitos dos/as Migrantes;
- Feminismo;
- Habitação e Direito à Cidade;
- Participação e Cidadania Europeia.

Deixámo-nos inspirar pelos percursos de vida deles/as e debater temas emergentes na nossa sociedade, refletindo sobre o papel que de cada um/a de nós pode assumir para marcar a diferença.

29 de junho | 10,30 h. - 12,30 h.

Habitação - *António Bello*

29 de junho | 16,00 h. - 18,00 h.

Alterações Climáticas - *Diogo Silva*

30 de junho | 10,30 h. - 12,30 h.

Direito à Cidade - *Claraluz Keiser*

30 de junho | 16,00 h. - 18,00 h.

Alterações Climáticas - *Francesco Rocca*

1 de julho | 10,30 h. - 12,30 h.

Discriminação e Direitos dos/as Migrantes - *Anabela Rodrigues e Janice Fernandes*

1 de julho | 16,00 h. - 18,00 h.

Feminismo - *Ana Bragança e Tilla Cappelletto*

2 de julho | 10,30 h. - 12,30 h.

Participação - *Bruno António*

2 de julho | 16,00 h. - 18,00 h.

Feminismo - *Carolina Salgueiro Pereira*

3 de julho | 10,30 h. - 12,30 h.

Feminismo - *Catarina Marques Rodrigues*

3 de julho | 16,00 h. - 18,00 h.

Discriminação Étnico-Racial e Direitos dos/as Migrantes - *Hugo Menino, Miguel Duarte e Vittoria Catalfamo*

# AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS



## Diogo Silva

Licenciado em Economia, cresceu no movimento associativo a par da faculdade, e teve o primeiro emprego num projeto para reduzir o desemprego num bairro social de Lisboa. Depois de passar três anos na área do empreendedorismo e inovação, largou tudo em 2019 para se dedicar a tempo inteiro ao ativismo pela justiça climática.

Cresceu no coletivo ***Climaximo***, passou pela ***Extinction Rebellion*** e co-fundou o coletivo ativista ***2degrees activism***.

#ativismo #ativismo #justiçaclimática

CLIMÁXIMO



2 DEGREES ACTIVISM





# O PODER DA ARTE PARA MUDAR O CLIMA, E NÃO SÓ

*DIOGO SILVA*

Vivemos em emergência climática, não há como o negar.

O Painel Intergovernamental das Nações Unidas para as Alterações Climáticas (IPCC) dá-nos agora menos de dez anos para reduzir a metade as emissões globais de gases com efeito de estufa e todos os dados indicam que não estamos nem perto de o conseguir. Portugal, que se diz líder global na ambição climática, não tem objetivos compatíveis com os dados do IPCC, e tem uma responsabilidade histórica que vai além do corte a metade das emissões.

A somar à emergência climática, 2020 veio trazer-nos uma pandemia que, por sua vez, desencadeou uma crise económica cujas consequências ainda estamos apenas a começar a compreender — o que já é claro é que as linhas que já dividem a sociedade (com base no nosso rendimento, na nossa cor de pele, género, orientação sexual, entre outras discriminações estruturais) ficarão mais vincadas ainda se as soluções forem no mesmo sentido do que tem sido a política global no último meio século. Com as mesmas soluções, como esperar resultados diferentes?

Contra o conformismo de aceitarmos a realidade como ela é e a favor da rebeldia de mudar aquilo que não podemos aceitar, resta-nos a questão: como podemos mudar?

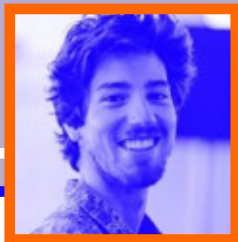
Todos os grandes movimentos sociais — das sufragistas que conquistaram o direito de voto para as mulheres, aos independentistas na Índia, passando pela luta anti-apartheid, o movimento dos direitos civis, a luta LGBTQI+, entre tantos outros exemplos inspiradores — partilharam táticas e estratégias de ação política. A mais comum e mais conhecida é sem dúvida a vertente de marchas e mobilizações de massas. Menos comum é reconhecer-se o papel da arte como forma de mudar a cultura — tornando inevitável o que muitas vezes era politicamente impossível poucos meses antes.

Não é preciso irmos muito longe para termos exemplos próximos. Para uma geração nascida no pós-25 de Abril, as histórias mais passadas de boca em boca não são só sobre as grandes manifestações ou o dia em que os militares irromperam por Lisboa. São também sobre as músicas do Zeca Afonso, José Mário Branco, Sérgio Godinho; os murais pintados por pessoas comuns em todo o país; o teatro e as

bibliotecas itinerantes; os versos subversivos dos poemas cantados no Festival da Canção; ou até os cartazes, autocolantes e *pins* espalhados por ruas e lapelas. E se no ano passado, muito mudou por todo o mundo com uma onda de mobilização pelo clima, podemos ver que também na arte este tema foi reflectido e impulsionado: na música os *The 1975* com Greta Thunberg, ou os *Massive Attack* com Christiana Figueres; nos filmes já tinha saído o *Beasts of the Southern Wild* e o *Demain* (inspirando o português *É Pra Amanhã*); meios de comunicação social como o *Fumaça* lançaram séries inéditas sobre o tema e redes de jornalismo sonoro independente focadas só no tema do clima, como a *Critical Frequency*, estão em crescimento. Se olharmos além das imagens mais conhecidas de protestos ou pessoas a serem detidas, torna-se inegável o papel da mudança na cultura para mudar a sociedade.

Devemos por isso inspirar-nos em exemplos como a *Fossil Free Culture*, *Brandalism*, *Yes Men*, *Liberate Tate*, *BP or not BP*, ou a *Activist Network* para cada vez mais ter um activismo que se manifeste na cultura através da arte. É hora de pegar nos pincéis, nos instrumentos musicais, nos nossos corpos e palavras, e usar toda a nossa capacidade artística para criar o mundo com o qual hoje só podemos sonhar.

Se a arte for activismo, podemos mudar muito mais do que o clima.



### **Francesco Rocca**

Francesco é diretor do *Impact Hub Lisbon*, a maior rede de empreendedorismo social em Portugal.

Em 2018 juntou im grupo de cinco amigos/as e fundou o projeto **É pr'amanhã**, uma série de documentários que apresentam pessoas e iniciativas comprometidas com a construção de um futuro mais sustentável.

**#sustentabilidade**  
**#mudançassistémica**  
**#papelindividual**  
**#papelcoletivo**

**IMPACT HUB LISBON**





# UM AMANHÃ SUSTENTÁVEL COMEÇA HOJE

*FRANCESCO ROCCA*

O QUE É SUSTENTABILIDADE?

Muitas vezes quando ouvimos a palavra sustentabilidade, assumimos que qualquer pessoa saiba o seu significado, mas se nos fosse perguntado para explicar, seríamos verdadeiramente capazes de dar uma boa definição?

Eu pessoalmente ficava sempre comprometido perante as várias definições e a dificuldade em dar uma descrição simples e clara. Porém, há dois anos, ouvi o seguinte: “*sustentabilidade é uma palavra auto-explicativa, significa de fato a habilidade de sustentar o nosso sistema no futuro*”. Essa frase tão explícita e direta, mudou a minha percepção sobre o termo, porque me fez pensar sobre a sua abrangência — falamos de sustentabilidade económica, ambiental e social —, mas também sobre a importância da subjetividade da interpretação do seu significado — o que é sustentável para mim pode não ser para o outro, e que existem infinitos níveis de “sermos sustentáveis”. Como conclusão, eu diria que apesar da sustentabilidade ser um termo cuja definição é variável e complexa, ela deveria ser vista de forma holística, e independentemente do nível de participação, temos de começar a agir, a nível individual e coletivo.

## DO INDIVÍDUO PARA O COLETIVO

Optar por escolhas mais sustentáveis no nosso dia-a-dia, como hábitos de consumo, meio de transporte ou redução do uso do plástico podem ser o início de um processo de mudança com um verdadeiro impacto... Apesar das ações individuais serem um primeiro passo indispensável, estão longe de ser suficientes para garantirmos a preservação do meio ambiente. A comunidade científica já demonstrou que mudanças individuais nos hábitos de consumo não são suficientes para atingirmos os objetivos que precisamos para estabilizar as temperaturas globais. Se amanhã todos/as nós reduzíssemos para metade os nossos consumos, obteríamos uma redução de 15% nas emissões. Assim, o que é necessário fazer para alcançar uma redu-

ção de 70%, das nossas emissões, sendo este o valor necessário para a espécie humana sobreviver, segundo a Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) das Nações Unidas?

Como diz este artigo no Público - Não eu, nós, — *“torna-se urgente procurarmos influenciar e alterar coletivamente, uma ou mais partes da nossa sociedade — famílias e amigos, freguesias e municípios, escolas, empresas, Governo.”*

## INFORMAR PARA AGIR

Quando há cinco anos assisti ao documentário *Cowspiracy*, fiquei impressionado com umas das primeiras imagens! A personagem central narra todos os hábitos sustentáveis que incorpora na sua rotina como desligar as luzes, tomar banhos curtos, andar de bicicleta, na verdade, estes comportamentos têm um impacto irrisório na sua pegada ecológica se comparado ao efeito que a mudança na sua alimentação teria para o meio ambiente. De facto, a informação não só nos dá poder, como é a nossa bússola para tomarmos decisões.

Como podemos ter a certeza de que estamos a fazer a escolha mais sustentável? Nunca foi tão fácil o acesso às notícias e aos dados, mas a informação que temos, por vezes não é suficiente ou é errada. Podem fazer este teste do *New York Times* (existem outros!), para ver se estão a adotar decisões ambientalmente corretas para, e provavelmente vão acertar em mais respostas do que eu — só consegui acertar uma resposta em quatro...

Trabalharmos para uma sociedade informada e consciente das próprias ações é o primeiro passo para construirmos um sistema mais

sustentável. Isso pode ser feito através de ações de sensibilização, campanhas de comunicação e também pela advocacia, uma vez que como cidadãos/ãs temos o poder de fazer pressão para incentivar soluções que sejam promotoras de uma transição para uma economia regenerativa.

## UMA MUDANÇA SISTÉMICA

Quer seja um agricultor a produzir alimentos biológicos, uma cooperativa a financiar projetos de energia solar, ou uma câmara municipal a encorajar o uso da bicicleta, todas estas soluções só podem funcionar se forem pensadas como um todo e se forem replicáveis. Precisamos de dar visibilidade às iniciativas que já estão no caminho certo. Nada é mais eficaz para uma mudança sistémica do que histórias inspiradoras.

Muitos de nós já estamos cansados de ouvir que a atividade humana é a principal causa das alterações climáticas e do pouco tempo que nos falta para não destruir o planeta de forma irreversível. Este tipo de informação cria urgência para ação, mas ao mesmo tempo afasta as pessoas de se sentirem parte da solução. Por isso, ao demonstrar os diversos exemplos positivos, podemos/conseguimos evidenciar aos/às cidadãos/ãs, empresas e governos que um futuro sustentável é possível, e que começa hoje.

# HABITAÇÃO E DIREITO À CIDADE



## António Bello

Homem de educação católica, António cresceu com uma notável atenção à fragilidade social e distinguiu-se pela sua capacidade de liderança rumo a uma mudança positiva, que se materializou nas esferas universitária e católica.

É fundador e director da **Just a Change**, empresa social que começou como uma forma de ajuda espontânea e coletiva autofinanciada aos sem-abrigo sob a forma de alimentação (uma Pequena Mudança Positiva... *Just a Change!*), que depois se desenvolveu e estruturou num serviço de apoio à habitação com o lema “reabilitar casas para reabilitar vidas”.

António tem menos de 30 anos e foi selecionado como *Ashoka Fellow*, como “líder de inovação social carismático de confiança, extremamente amável e altruísta.”

JUST A CHANGE



#reabilitamoscasas

#reconstruímosvidas



### Claraluz Keiser

Claraluz é geógrafa, urbanista e produtora cultural, formada em geografia e MA em Planeamento Urbano e Territorial pela Universidade Soborne, Paris.

Participou em diferentes projetos (de desenvolvimento rural e urbano, de pesquisa, de intervenção urbana, culturais e artísticos e de urbanismo participativo) no Brasil, França, Portugal, África do Sul, EUA e Índia.

Recentemente foi facilitadora no projeto ***Trans-europa Caravan*** e voluntária no ***Festival Habitação!***, em Lisboa.

Neste momento está envolvida na criação de uma mercearia comunitária.

#direitoàcidade  
#reapropriação

PERDI A CASA





# RE-APROPRIAÇÃO DA CIDADE

CLARALUZ KEISER

O contexto urbano mundial é fortemente marcado pelo fenómeno da metropolização, induzido tanto por um processo de globalização, como, correlativamente, por políticas públicas favoráveis ao paradigma da atractividade. Como consequência, assistimos a uma forte tendência à privatização e à standardização do espaço público. Hoje, estar numa rua no centro de New Delhi, São Paulo ou Londres não nos permite necessariamente vivenciar experiências urbanas diversas. Como conceptualizou a socióloga Sharon Zukin, observamos actualmente uma “pacificação pelo *cappuccino*”, segundo a qual a cidade é imaginada, criada e vivida como uma mercadoria ou evento de lazer. Porém, vale a pena ressaltar, que o usufruto desta esterilização é apenas para pessoas que podem pagar por.

Ao mesmo tempo, em paralelo, diferentes respostas e reações a esta tendência têm surgido, reforçando a ideia defendida por David Harvey de que “*o direito à cidade é muito mais do que a liberdade individual e o acesso aos recursos urbanos, é o direito de nos transformarmos a nós mesmos, ao mesmo tempo que transformamos a cidade*”. (D. Harvey, *The right to the city*, *New Left Review* nº53, 2008). Diversas iniciativas cidadãs individuais ou colectivas, da micro à larga escala, temporárias ou perenes, formais ou informais, têm proposto outras maneiras de experimentarmos e experienciarmos o espaço público através de uma re-apropriação da cidade. Assim, essas ações ajudam a ressignificar não só o modo como co-construímos o espaço público mas também como co-construímos a sociedade e o direito à cidade.

#### CONTRA O SISTEMA: O ESPAÇO PÚBLICO COMO OBJETO DE REIVINDICAÇÕES

Sem menosprezar o impacto do ativismo discursivo e virtual, fundado nas redes sociais, é importante, contudo, reclamar também os nossos direitos de maneira “física” e “presente”, através da reocupação do espaço público. A cidade não deveria ser apenas o espaço onde lutas políticas acontecem, mas deveria cada vez mais ser o próprio objecto destas lutas.

A iniciativa colectiva ***Seara - Centro de Apoio Mútuo de Santa Bárbara*** é um exemplo interessante de reivindicação do uso de um espaço urbano abandonado em Lisboa para transformá-lo num exemplo de “solidariedade activa, emancipatória e emancipadora”. Outro projeto é o ***Perdi a Casa*** que propõe uma apropriação dos muros

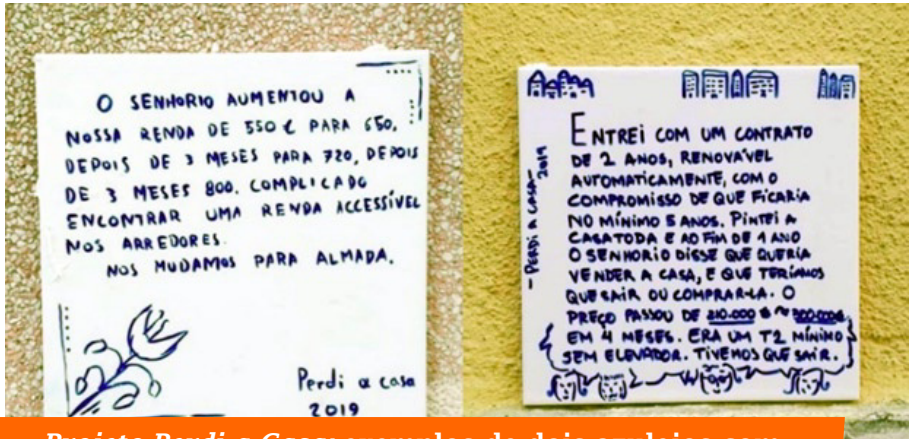
do bairro e do símbolo português patrimonial dos azulejos para denunciar os efeitos nefastos da especulação imobiliária e criar uma memória colectiva das histórias de vítimas de despejos. Ou então o colectivo *Design for Everyone*, de Bruxelas, que questiona a forma como o espaço público inclui ou exclui certas utilizações, através da transformação do mobiliário e das infra-estruturas urbanas.



*Design for Everyone*: modificação de um banco para permitir que pessoas possam usá-lo para se deitarem.

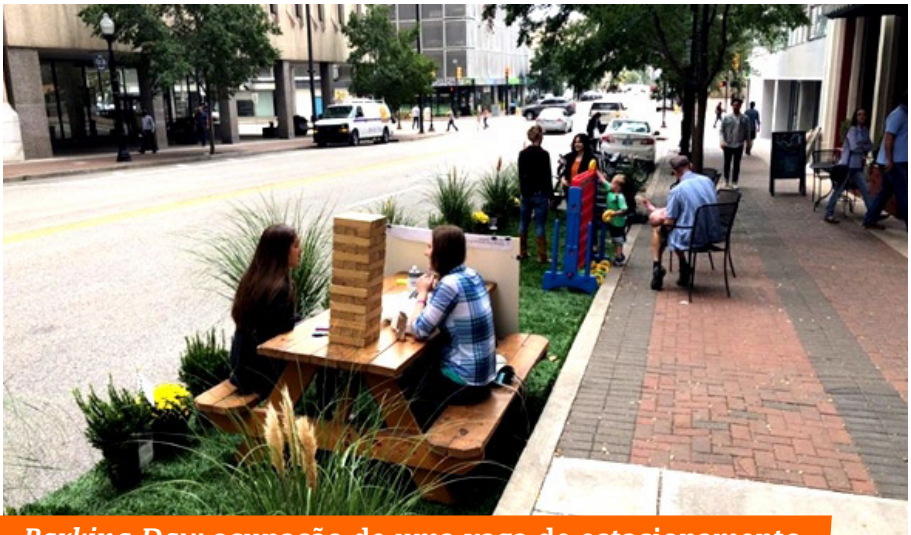
## APESAR DO SISTEMA: INTERVENÇÕES NO ESPAÇO URBANO

Há também cada vez mais iniciativas cidadãs que intervêm na paisagem urbana para criar alternativas ao modelo institucional convencionado de construção e uso do espaço público. O objectivo é responder a necessidades de indivíduos e de comunidades que não estão a ser satisfeitas, em termos de qualidade de vida, cultura, serviços ou infra-estruturas. Estas ações incluem ocupações pontuais festivas do espaço



**Projeto Perdi a Casa:** exemplos de dois azulejos com histórias de despejos que estão colados no bairro Anjos em Lisboa.

público, como é o caso do *Parking Day*, em que parques de estacionamento se transformam em espaços de convívio, ou a realização de um jantar entre vizinhos nas escadas de uma rua em Lisboa.



**Parking Day:** ocupação de uma vaga de estacionamento transformado num espaço de *picnic* em Tulsa, Estados Unidos.



*Rede de solidariedade entre vizinhos/as nas freguesias de Penha de França e Anjos, Lisboa.*

Mas também podem ser intervenções físicas no espaço urbano, como o trabalho do artista Jan Vormann que preenche espaços vazios/ abandonados com peças de Lego, ou do colectivo **Serviços Gerais** que realiza reparações em infra-estruturas da cidade de São Paulo.

Há também cada vez mais projetos que visam reclamar espaços abandonados e convertê-los em novos espaços públicos, como é o caso do projeto **Prisão Paraíso**, na Trafaria, que pretende transformar uma



Obra do artista Jan Vormann em que consiste consertar muros da cidade que precisam de reparos.



Matéria sobre o colectivo Serviços Gerais e seu trabalho de intervenção em São Paulo.

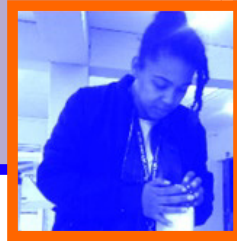
antiga prisão abandonada num pólo cultural e artístico comunitário. Existe também o *Boxing Boxes* que criou uma infra-estrutura de desporto para a comunidade num terreno urbano desprezado.

## COM O SISTEMA: O URBANISMO PARTICIPATIVO

Observamos também o aumento progressivo de projectos em que os modelos de organização e gestão já não encaixam apenas nos habituais padrões “*top-down*” ou “*bottom-up*”, mas antes, propõem uma parceria, mais ou menos horizontal, entre o poder público e os/as cidadãos/ãs. Em Portugal, existem poucos projectos de urbanismo participativo, sendo talvez os **Orçamentos Participativos** os exemplos mais pertinentes para ilustrar o impacto positivo da transformação urbana que estas parcerias podem atingir.

Independentemente do tipo, escala, duração e relação com o sistema dominante, toda a ação cidadã levanta implicitamente a questão da nossa “relação com o espaço público”: os desvios questionam a percepção dos lugares, as intervenções questionam as práticas, e as apropriações permitem explorar ideais e desejos. Assim, afirmar o direito à cidade equivale a afirmar o direito a “fazer a cidade” através da apropriação. É preciso perguntar-nos não apenas que tipo de cidade queremos, mas também como podemos reclamar o nosso direito de participar na sua construção e manutenção.

# DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E DIREITOS DOS/AS IMIGRANTES



**Anabela Rodrigues**

É Coordenadora Geral do **GTOLx - Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa** e ativista em vários outros grupos comunitários que integram a **Rede Fórum do GTO**; mentora e dinamizadora do **AMI-AFRO**, uma experiência estática inovadora do TO sobre temas tabu como a discriminação racial, sexual e de classe; e integrante da rede europeia do TO, **Together**.

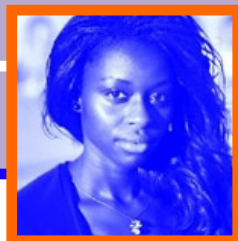
Descendente de imigrantes, é mãe, poeta e ativista.

*“Não é a minha palavra que te conduzirá, senão os sons, as palavras e as imagens de um coletivo em busca de uma identidade...”*

**Pretoquiar, 2013**



**GRUPO TEATRO DO OPRIMIDO Lx**



### **Janice Fernandes**

Encontra-se a tirar um mestrado em comunicação, *marketing* e publicidade na ULHT e é membro da **FAIASCAP - Federação de Associações de Imigrantes Amigos do Sector de Calequisse em Portugal**, promovendo ações de ajuda e organização de eventos culturais como forma de resistência da comunidade.

Recentemente passou a integrar o **Grupo de Teatro AMI-AFRO**, que utiliza as técnicas do **Teatro do Oprimido** para incentivar a intervenção social ativa e consciente.

**ASSOCIAÇÃO FAÍSCA**





Augusto Boal

## A MUDANÇA VAI CHEGAR... TALVEZ UM POUCO TARDE...

ANABELA RODRIGUES E JANICE FERNANDES

O trabalho empírico do **GTO LX**, baseado na metodologia do *Teatro do Oprimido*, revela que a maioria das investigações teatrais dos grupos com que trabalhamos assentam em problemas de inclusão social, racismo, xenofobia e desigualdades sociais. A construção incorreta de estereótipos nos media, livros e em alguns programas sociais, permite que tenhamos institucionalmente uma sociedade inconsciente-

mente racista, que amedronta e dificulta a construção colectiva de uma sociedade mais justa e tolerante. Por isso importa explicar em breves palavras o que é o **Teatro do Oprimido** — criado pelo dramaturgo brasileiro Augusto Boal como um método estético que visa transformar a realidade — antes de avançarmos.

A metodologia do Teatro do Oprimido (TO) iniciou-se no Brasil, em meados da década de 60, sendo hoje praticada em mais de 70 países. É um conceito teatral cujo objectivo é o de promover a reflexão do espectador sobre a sua realidade, levando-o a descobrir que a sua conduta resulta de como percebe as relações de poder, os processos de dominação e de exclusão social. A **Opressão** materializa-se em injustiças sociais, desequilíbrios de poder e desigual acesso aos recursos, direitos e oportunidades. O/a oprimido/a, tomando consciência da injustiça, sente a necessidade e o desejo de transformar a realidade em que vive, dispondo-se a lutar pelo que considera justo e a inventar o futuro desejado.

É com base nessa luta colectiva que negros e negras de bairros dos subúrbios de Lisboa se reúnem num grupo denominado de AMI-AFRO para criar espetáculos de **Teatro Fórum**. Como Stokely Carmichael propõe em *Black power*, o objetivo da auto-determinação e da auto-identidade negra é a plena participação nos processos de decisão que afectam a vida das pessoas negras e o reconhecimento das suas capacidades. Em palco, o grupo questiona e desafia sobre como transformar a realidade a partir de pequenas ações que impeçam o perpetuar do racismo; ou a utilização de palavras como lista negra, mercado negro, denegrir, embranquecimento de capitais, que são negativas e sugerem que o que é negro é ruim. Será esta apenas uma

inocente questão semântica, sem nenhum impacto na vida dos/as que devido ao seu tom de pele não podem “fingir que não os/as afecta”? Dizia Frantz Fanon em *Os condenados da terra* que “cada geração deve numa relativa opacidade, descobrir a sua missão, cumpri-la, ou traí-la [...]”. Optámos por tentar construir uma sociedade diferente, procurando propostas de mudança em diálogo, **em Fórum**.

Há quem diga que chamar Portugal e a Europa de racistas é exagero e trair o país de acolhimento. Mas é exactamente porque Portugal — onde muitos desses filhos/as de homens e mulheres negras vindos de Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique nasceram — os impediu através de leis que fossem cidadãos/ãs de pleno direito (e que muitos/as desses/as filhos/as têm denunciado) e porque institucionalmente essa separação evidencia a desigualdade social, que essa denúncia é pertinente. Por isso, a Década dos Afro-Descendentes (2015-2024), criada pela ONU, tem ainda um longo caminho a percorrer até alterar a consciencia das pessoas.

Queremos terminar, aguçando o apetite para percorrermos a estrada da justiça, com uma frase de Martin Luther King. A dado passo do seu famoso discurso “*I have a dream*”, ele diz que foi levantar o “*cheque*” prometido pela constituição norte-americana que garantiria a todos/as o direito inalienável à “*vida, liberdade e à procura de felicidade*” — encontramos semelhança com *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*. E dizia que a América não tinha pago aos negros essa nota promissória respondendo-lhe que o cheque não tinha fundo. Mas ele recusava a ideia de que o “*Banco da Justiça*” não tivesse “fundos”. Pois bem, nós também não acreditamos que o banco da justiça não seja para todos e todas. Que esteja falido.



### Vittoria Catalfano

Formada em arquitetura em Itália, Portugal e Hungria, Vittoria sempre foi uma apaixonada pelo trabalho com comunidades, de integração e de direitos humanos. Esteve envolvida em projetos sociais de cariz comunitário, onde pôde utilizar a arquitetura como ferramenta de defesa dos direitos humanos dos mais vulneráveis.

Em 2018 fundou com um grupo de amigos o **Hubb - Humans Before Borders**, uma plataforma para a ação e a sensibilização relativamente ao tratamento desumano e ilegal de migrantes e refugiados. No verão de 2019 trabalhou no campo de refugiados de Moria, Lesbos, com a ONG **Wather-shed Foundation**, para garantir à população do campo o acesso à água, saneamento e instalações higiénicas.

Atualmente trabalha em Samos, como coordenadora de projetos, para a ONG **Refufee4Refugees**.



### HUMANS BEFORE BORDERS

#salvarvidasnãoéumcrime

#cidadaniaéprivilegio

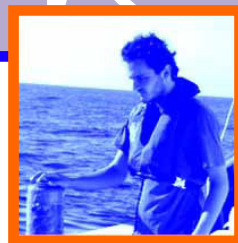
#inclusãosocial

### Miguel Duarte

Envolveu-se pela primeira vez na chamada crise dos refugiados em 2016, quando se juntou à tripulação do navio humanitário **luventa**, no Mediterrâneo Central. Desde então participou em várias missões de resgate e apoio a comunidades dos campos de refugiados na Grécia e na Turquia.

Em 2018 foi constituído arguido em Itália por suspeita de auxílio à imigração ilegal, por ter ajudado a salvar vidas.

Atualmente pertence ao coletivo **HuBB - Humans Before Borders** e **luventa10**, com os quais desenvolve trabalho de sensibilização, *loobyng* e de apoio às organizações que trabalham na linha da frente.





# O MAR E A CIDADE

*FRANCESCO CAPELLINI*

A temática dos direitos dos/as migrantes é um dos maiores, e provavelmente dos mais visíveis, desafios das democracias atuais. Em particular, destacam-se duas reflexões sobre outros tantos aspetos bastante familiares à narrativa pública: a liberdade de movimentos e a integração.

**CIDADÃOS/ÃS E CLANDESTINOS/AS**

A livre circulação pelas ruas das nossas cidades, bem como entre os diferentes estados e continentes, é algo que assumimos por garantido, mas que na realidade é um privilégio baseado num critério sem

legitimidade nem mérito: a casualidade do lugar onde nascemos. Por conseguinte, se não és cidadão/cidadã nem tens dinheiro, o direito à livre circulação pode desaparecer.

Os Estados-Nação, tentando sobreviver à sua própria obsolescência num mundo em que enfrentam crescentes desafios transnacionais, agarram-se à única coisa que ainda podem controlar, as fronteiras, apelando à necessidade humana de proteção. Uma necessidade que parece ser legítima só para os/as cidadãos/ãs. O direito à segurança, bem como à livre circulação, deixa de ser um direito humano e torna-se um assunto à mercê da vontade e dos interesses dos poderes políticos.

Vale então a pena citar a intuição de Arash Abizadeh, filósofo irano-canadiano especialista em democracia, que revela uma das suas maiores contradições intrínseca: se a justificação do poder coercivo se baseia no princípio da soberania popular (ou seja, na possibilidade daqueles que estão sujeitos ao poder verem respitado o seu direito de expressão), o controlo unilateral das fronteiras estatais apenas pelos cidadãos/ãs revela-se democraticamente ilegítimo.

Portanto, a questão parece ser tratada de forma coerente apenas pelo direito internacional que, sendo não vinculativo, revela-se também inadequado neste caso. Assim, a melhor solução que a Europa conseguiu encontrar foi a *Convenção de Dublin*, que pode ser resumida da seguinte forma: o acolhimento de refugiados/as e pessoas deslocadas é da responsabilidade dos países da primeira chegada, quase sempre os estados mediterrânicos (em troca de dinheiro, é claro).

Aqui chegamos ao segundo aspeto, a integração.

## INTEGRAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL

Partindo das reflexões com as quais Amartya Sen mereceu o Prémio Nobel da Economia, depois estruturadas por Martha Nussbaum no âmbito das Teorias da Justiça, a mera concessão de um direito não garante o benefício efetivo decorrente desse mesmo direito (por exemplo, o direito de acolhimento e não ser expulso não garante, de facto, o acesso a uma vida digna): as condições pessoais e do contexto de vida fazem a diferença!

Daí as situações dramáticas vividas em campos de refugiados, como os de Moria, Samos e Lesbos, onde podem encontrar-se refugiados/as e alienação enquanto os direitos humanos e o futuro ficam à porta. A Europa e os Estados fecham os olhos: aí a política não tem interesses. Tudo o que é possível fazer está nas mãos de ONGs e voluntários, mostrando que uma sociedade civil ativa e consciente pode ser a única esperança para uma democracia cujo significado parece ser acidental.

Saindo dos campos e entrando nas cidades onde vivemos, encontramos outros corpos invisíveis sujeitos a discriminação cultural e estrutural: os/as migrantes. Contudo, na cidade, há novos aliados da justiça social: os/as empreendedores/as sociais. Onde o estado não consegue (ou não quer) chegar de forma eficaz e o assistencialismo prende vidas a condições sociais aleatórias que se tornam viciosas, o empreendedor social torna-se aliado das pessoas, complementando as lutas ativistas e políticas que caracterizam o espaço de atuação cívica entre o estado e o mercado. Inspirado nos conceitos de sustentabilidade e autonomia, a empresa traz um modelo inovador que visa a transformação social. Assim, por um lado, a empresa deixa de

depende do financiamento do Estado e da sua lógica, portanto da vontade política; por outro, desencadeia mecanismos virtuosos de transformação social, através dos quais quem chega rotulado como problema, persegue a integração tornando-se, em virtude da própria peculiar fragilidade, parte ativa da solução e uma mais valia para a comunidade de acolhimento.

## CONCLUSÃO

Retirar a liberdade de movimento significa impedir o acesso e a possibilidade de um futuro melhor, a esperança que alimenta a busca de sentido pessoal na perspectiva duma vida que valha a pena viver.

A não garantia de condições de integração torna impossível viver o presente. Significa alimentar um sistema que põe em perigo a vida das pessoas em troca de nada, significa fechar os nossos olhos e ignorar, mais uma vez, o que não nos diz diretamente respeito. Mesmo que saibamos que se trata apenas de uma casualidade.

Reconhecer isso é o primeiro passo. Agir e juntar-se à luta contra a indiferença é já estar a caminho.

*En las palabras de Manu Chao*

*Solo voy con mi pena*

*Sola va mi condena*

*Correr es mi destino*

*Por no llevar papel*

*Perdido en el corazón*

*De la grande Babylon*

*Me dicen "el clandestino"*

*Yo soy el quiebra ley.*



### **Hugo Menino**

Hugo Menino destaca-se pela sua atenção à fragilidade social e pelo espírito de iniciativa. Inspirado pelas suas experiências de estudante e trabalho no estrangeiro, bem como pela história dos seus pais migrantes, fundou em 2014 a **SPEAK**, entidade que promove a criação de redes interculturais informais para promover a integração de migrantes.

Em 2015 foi reconhecido como um dos 20 melhores jovens empreendedores sociais da região euro-mediterrânica pela **Aliança das Civilizações das Nações Unidas** e, em 2016, reconhecido como **Global Shaper** pelo **Fórum Económico Mundial**.

É **Ashoka Fellow** desde 2018.

**SPEAK**



# FEMINISMO



## Tila Cappelletto

Brasileira, viveu 8 anos em Espanha antes de se radicar em Portugal, em 2016. Trabalha como produtora cultural e tradutora há mais de 15 anos. Em 2015 cofundou **Radiativas**, movimento feminista de ativismo visual. Trabalha na **Editora FRIDA | Fundo de Jovens Feministas**, desde 2017. Este ano participou na fundação do **Festival Feminista de Lisboa**.

É editora da **Wikipédia** desde 2015 e, em 2019, cofundou a **WikiEditorasLx**, grupo de editoras da Wikipédia em Lisboa, que visa corrigir a falta de representação de mulheres cis, trans e de género não conforme nesta inciclopédia *online*, priorizando ainda as comunidades lusófonas, negras, indígenas, migrantes, rurais, LGBTQI+, ciganas, etc.

FESTIVAL FEMINISTA  
DE LISBOA





### Ana Bragança

Portuguesa, já viveu na Dinamarca e Angola. O associativismo surgiu na sua vida universitária. Interessa-se pelas questões da desigualdade de género, participação e cidadania relacionadas com o espaço público.

Trabalha como arquiteta paisagística e urbanista desde 2008. Deu aulas numa universidade angolana e, mais recentemente, depois de alguns anos em cargos de coordenação, assumiu-se como gestora de projectos.

Depois de uma curta experiência no **UN-Habitat** regressou a Portugal, em 2019, para integrar a cooperativa de criação multimédia **Bagabaga Studios**.

É editora da **Wikipédia** desde 2019, ano em que cofundou a **WikiEditorasLx**, um grupo feminista de editoras da Wikipédia, sediado em Lisboa, que trabalha para o aumento de visibilidade e representatividade de mulheres e pessoas de género não conforme.

WIKI EDITORAS LX





# O TRABALHO DAS WIKI EDITORAS LX COMO ATIVISMO FEMINISTA E INTERSECCIONAL NA INTERNET

*TILA CAPPELLETTO e ANA BRAGANÇA*

As *Wiki Editoras Lx* surgiram em Maio de 2019, quando os caminhos de algumas mulheres se cruzaram durante o *Festival Feminista de Lisboa*, no âmbito de uma *editona* (maratona de edição) dedicada à visibilização de pessoas das margens, com foco na criação de artigos na *Wikipédia* de mulheres, mulheres cis e trans, e pessoas não-binárias, especialmente daquelas pertencentes a comunidades com menor visibilidade e representatividade: lusófonas, do sul global, negras, migrantes, ciganas, indígenas, LGBTQI+, entre outras.

Este foi o mote do aparecimento do grupo e o farol que tem guiado o seu crescimento. A urgência deste trabalho prende-se com um longo apagamento das mulheres do imaginário colectivo histórico. Ao longo de séculos, foram sendo obliteradas da narrativa dominante pessoas, assim como experiências divergentes, tidas como não protagonistas, pois esta é habitualmente homogénea e centrada na figura masculina branca. Sabemos que esse desaparecimento nada tem a ver com a participação ou com a importância dessas pessoas na construção da história coletiva, e, no entanto, a sua existência foi e continua sendo injusta e sistematicamente ignorada e silenciada. Por esse motivo, como refere Linda Nochlin, no seu texto de 1971, porque não houve grandes mulheres artistas, torna-se urgente *“corrigir a distorção intelectual da dominação velada da subjetividade masculina branca a fim de alcançar uma visão mais adequada e precisa das situações históricas”*.

O advento e a popularização da internet nos anos 90 trouxeram uma importante mudança, tanto nos espaços como nas ferramentas de escrita e registo dessa história. Posteriormente, na esteira da ampliação das plataformas de produção e transmissão de conhecimento, em 2001 surgiu a *Wikipédia*. Uma enciclopédia *online*, escrita de forma colaborativa e voluntária por não especialistas, acessível de forma gratuita a todas as pessoas. Um projeto altamente disruptivo, feito pela comunidade e para a comunidade. Porém, não tardou muito para que a enciclopédia livre refletisse também ela as mesmas disparidades estruturais presentes na sociedade. Tanto em termos de conteúdo (no caso mencionado, de biografias de mulheres), quanto ao perfil dos seus editores. Na *Wikipédia* em português, menos de

20% das biografias são de mulheres. Por outro lado, em geral, há apenas cerca de 15% de pessoas identificadas como editoras que fazem esse trabalho<sup>1</sup>.

No entanto, a característica de rede do meio digital na qual está inserida a *Wikipédia* e a ferramenta colaborativa *wiki* utilizada, surgiram para potenciar verbos no coletivo. E é nesse contexto que as **Wiki Editoras Lx** desenvolvem o seu trabalho. Um grupo aberto e informal que se reúne quinzenalmente para editar a *Wikipédia*, em tempos pré-COVID19, presencialmente em Lisboa na **Penha Sco - Arte e Cooperativa**, e, após março de 2020, através de plataformas *online*<sup>2</sup>.

Porém, não estamos livres do problema ao qual apontamos o dedo. Apesar de alguns esforços no sentido do alargamento, o nosso grupo continua a ser maioritariamente composto por mulheres cis brancas heterossexuais. Conscientes das limitações e possíveis vieses como grupo, e com o objetivo de aproximação ao máximo de uma abordagem interseccional (visando fortalecer também a diversidade da sua

---

1) *O viés de gênero na Wikipédia refere-se a uma crítica da enciclopédia online Wikipédia segundo a qual a natureza e a quantidade de seu conteúdo são tendencialmente influenciados pelo fato de a maioria de seus editores ser do sexo masculino. A Wikipédia tem normalmente menos verbetes, e com menor extensão, sobre mulheres ou de temas importantes para as mulheres em comparação a verbetes sobre homens ou sobre temas importantes para os homens.* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vi%C3%A9s\\_de\\_g%C3%AAnero\\_na\\_Wikip%C3%A9dia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vi%C3%A9s_de_g%C3%AAnero_na_Wikip%C3%A9dia)

2) *Mensalmente, a sessão é aberta a novos/as editores/as. Venha editar com o grupo. Não é necessário ter experiência, nem conhecer o conteúdo. Basta ter vontade de pesquisar e escrever. Siga-nos das redes sociais @WikiEditorasLx (FB/IG)*

própria comunidade), as **Wiki Editoras Lx** desenharam um programa especial, chamado **Curadorias Convidadas**, por meio do qual estabelecem colaborações com pessoas ou organizações que pertencem ou trabalham com diferentes comunidades, que como especialistas em suas próprias realidades apresentam-se como as agentes perfeitas para realizar a curadoria de conteúdos específicos a serem criados na *Wikipédia*. Até ao momento, as **Wiki Editoras Lx** já colaboraram com coletivos como **Mulheres na Arquitectura** e **W. ARCH.pt**, com a poeta afro-portuguesa Raquel Lima e com o coletivo **FACA**.

Para que haja diversidade e representatividade são necessárias políticas afirmativas e actores sociais que operem a partir dessa ética. Vemos a imensa luta nas diferentes esferas públicas para que isso se torne uma realidade. E com a *Wikipédia*, praça pública do conhecimento, não seria diferente.

***Continuaremos a lutar. E a editar!***

### Carolina Salgueiro Pereira

É co-Directora da **Sathyam Project**, associação da Índia que trabalha na capacitação de raparigas e mulheres empenhada em quebrar ciclos de pobreza.

Embaixadora da **#HeForShe**, fundou e implementou o movimento em Portugal sensibilizando jovens para a igualdade de género e os direitos LGBTQ.

Nas organizações e movimentos em que esteve e/ou ajudou a criar sempre trabalhou em comunicação - **#RightLiveLihoodAward** (Alternative #Nobel Prize) e **Campanha ID Europa** (Parlamento Europeu) enquanto embaixadora.

Devido ao seu trabalho de mobilização, comunicação e media, é *activist* e *Story Teller* da **UN SDG Action Campaigne** e fundadora do **Tiping Up**, movimento e *media plataforma* com a missão de mobilizar, capacitar e conectar uma nova geração de *media activist*.



INSTAGRAM



#storytelling

#mediaactivism

#communication



# TER CORAGEM É PENSAR EM VOZ ALTA

*CAROLINA SALGUEIRO PEREIRA*

Com o passar do tempo, percebi que a Comunicação definia não só a minha vida, mas também a vida de todos/as, percebessem eles isso ou não.

As histórias moldam a cultura, moldam a perspectiva que temos sobre determinado assunto e, por consequência, o nosso comportamento.

A democracia acontece, cada vez mais, nos ecrãs.

Os meios de comunicação, desde os tradicionais às redes sociais, tornaram-se cada vez mais poderosos e um ponto de viragem para movimentos sociais e políticos. Eleger representantes, participar em campanhas, apoiar e mobilizar para protestos, entender e debater causas, direitos e injustiças são tudo ações informadas por imagens, sons e palavras emitidos por ecrãs grandes e pequenos.

Desde o #MeToo, #TimesUp, #GreveClimaticaEstudantil, #NeverAgain e #BlackLivesMatter, vários ativistas utilizam o poder da Internet para pressionar organizações. Fenómenos como Greta Thunberg e a sua escala para um movimento global de #GreveClimaticaEstudantil são, sem dúvida, criados pela força da comunicação digital e redes sociais. Os “media” (no seu sentido mais lato) são, em muitos aspetos, a alma de tais movimentos. Nos últimos anos tenho colaborado com um departamento das Nações Unidas criado exatamente com o objetivo de, através da comunicação, mobilizar e capacitar para uma ação efetiva em direção aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Por causa do trabalho desenvolvido, em Dezembro do ano passado fui convidada para colaborar com a equipa de comunicação do **Right Livelihood Award**, conhecido como “Prémio Nobel Alternativo”, onde tive a oportunidade de contactar com os mais diversos meios de comunicação internacionais, jornalistas, políticos, ativistas, entre outros.

Foi nesse contexto que privei com Amy Goodman, jornalista americana, repórter investigadora, escritora e pivô do programa de notícias independente *Democracy Now!*, que defende: *“Os media são absolutamente essenciais para o funcionamento de uma democracia. O nosso trabalho não é aconchegar o poder. Deveríamos ser quem*

*verifica e equilibra o governo*”. Falámos sobre esse aumento de poder e, por consequência, aumento da responsabilidade que os meios de comunicação e qualquer criador de conteúdo deve ter.

Os tempos que vivemos mostram-nos diariamente a responsabilidade que tem o nosso “eu” digital (tanto enquanto consumidores como criadores de conteúdo). Precisamos de nos equipar, e de equipar os outros, com ferramentas para navegar pelos milhões de conteúdos informativos que nos vão passar à frente dos olhos durante as nossas vidas. E precisamos também de garantir que quem tem o trabalho de nos informar tem condições para o fazer.

As redes sociais e os media digitais podem tornar-se muito mais do que vídeos virais, *clickbait* e indignações fugazes. Podem, de facto, ser a nossa janela para histórias globais, para dar voz a mais diversidade de pontos de vista, para gerar mudança.

Este texto não é apenas sobre a importância do ativismo nos media. Este texto é sobre Liberdade, sobre Direitos Humanos, Dignidade e Igualdade.

Este texto é sobre ter voz e ser-se ouvido.



### **Catarina Rodriguez**

Jornalista da *RTP* e ativista de direitos humanos, focada na igualdade de género e questões LGBTI.

*Embaixadora de direitos humanos ID Europa*, um projeto do Parlamento Europeu.

Autora do livro *Empreendedoras por natureza* e autora/apresentadora da primeira série do *Chicas Poderosas*, podcast da Antena 3.

Distinguida com uma menção honrosa pela *Corações com Coroa* (2017), com o *Prémio Arco-Íris da ILGA Portugal* (2016) e dois prémios *Media da Rede ex-aequo* (2015 e em 2016).

**CATARINA  
RODRIGUEZ**



#feminismo  
#jornalismo  
#informação  
#reportagem



# MULHERES: UMA FONTE INTERMINÁVEL DE HISTÓRIAS

*CATARINA MARQUES RODRIGUES*

O desrespeito pelas mulheres e pelos seus direitos mantém-se como um dos flagelos da sociedade e sobram casos para cobrir todos os dias. Se ser jornalista é ter um olhar profundo de atenção à realidade e ao que deve ser alterado, então a lente do “feminismo” enquanto defesa da igualdade entre mulheres e homens é útil na identificação de desigualdades. Contar histórias é uma forma de expor injustiças, é dar uma cara e uma vida aos números, é revelar o que se passa no nosso país, na nossa cidade, nas casas do nosso prédio, que escondem tantas vezes atentados à dignidade. Trazer o meu feminismo para o meu trabalho jornalístico foi um processo natural de quem tem um olhar treinado para a injustiça e para as histórias femininas de

superação. Considero que a empatia é essencial para nos aproximar de vidas aparentemente comuns, que escondem episódios dignos de documentários e conquistas admiráveis para quem é mulher em determinados países, contextos ou épocas. O público gosta de histórias. O público quer conhecer a realidade escondida das mulheres dos bairros, das trabalhadoras de 12 horas por dia, das mães solteiras e das que não o querem ser, das chefes e funcionárias que sofreram assédio, das que vencem num mundo masculino e das que são produto de um sistema machista.

Encontrei no jornalismo uma forma poderosa de mudar o mundo e, assim, de mexer com a cabeça de cada um. A consciência cívica e humana só favorece quem é jornalista, nunca prejudica.

Ser mulher jornalista é ter de lidar com quem vê as questões assertivas como “arrogância”, com quem testa a imparcialidade ou com quem questiona o nosso caminho e objetivos. Mas é também ter capacidade para nos aproximarmos de outras mulheres e conseguir retirar histórias que só foram partilhadas por se ter criado um espaço seguro.

O jornalismo só faz sentido se tiver impacto, senão não é mais do que um relato de números e do que a transmissão de discursos. Falar sobre feminismo e direitos das mulheres exige uma consciência treinada para estes temas, leituras intensas sobre os conceitos, participação em fóruns de mulheres, flexibilidade para se saber estar em ambientes luxuosos e em ambientes economicamente e socialmente debilitados, capacidade para ouvir e curiosidade para saber mais. Exige dedicação e paixão por resolver problemas de Direitos Humanos, porque é essa paixão que nos vai alimentar nos momentos em que alguém nos tentará demover.

# PARTICIPAÇÃO E CIDADANIA EUROPEIA

## Bruno António

Licenciado em Biologia Marinha e Pescas pela faculdade de Ciências do Mar da Universidade do Algarve, em 2005. Parte dos seus estudos foram realizados na Universidade do Vale do Itapí, Santa Catarina, Brasil, em 2002, completando a licenciatura com a realização do estágio curricular em Tamil Nadu, Índia, em 2004. Frequentou o mestrado em Educação Social na Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve, de 2009 a 2010.

Atualmente desempenha funções de coordenação na rede internacional **DYPALL Network** e de consultor para diversas organizações. Tem mais de 15 anos de experiência profissional na gestão de organizações da sociedade civil, a nível nacional e internacional, tendo trabalhado como gestor de projetos, formador e consultor para diversas organizações da Europa. Também trabalha em questões ligadas à inclusão e representatividade de jovens no desenvolvimento de políticas públicas.



#participaçãocontínua

#cidadaniaativa

#culturadaparticipação

#empoderamento

DYPALL





# PARTICIPAÇÃO JUVENIL NOS PROCESSOS DE TOMADA DE DECISÃO

*BRUNO ANTÓNIO*

Foi com enorme prazer que aceitei este desafio de escrever um artigo de opinião sobre a participação juvenil e, especificamente, sobre a participação juvenil nos processos de tomada de decisão em Portugal, dado que este tema assume, neste momento, uma pertinência ainda maior. Não podemos olhar para a participação dos/as jovens sem deixar de olhar para o contexto atual em que vivemos em Portugal, na Europa, e no mundo. É neste contexto que não devemos ter receio de afirmar que se vivemos, atualmente, em plena crise das democracias modernas, advém daí uma maior importância em se discutir e fomentar a participação juvenil.

A contribuição dos cidadãos e cidadãs que são chamados a participar das mais variadas formas não pode ser vista como um evento pontual, que acontece com determinada frequência, sobretudo, quando é do interesse do poder político. Para que a participação cidadã seja robusta e saudável, deve ser trabalhada desde os primeiros momentos formativos de cada indivíduo, não apenas durante a juventude, mas logo na infância. Para isso, é necessário criar espaços e mecanismos de participação para preparar as crianças a serem jovens mais ativos/as, participativos/as e reivindicativos/as, que se tornarão conseqüentemente, mais tarde, cidadãos e cidadãs igualmente mais ativos/as e participativos/as.

O crescimento do populismo, que põe em risco o modelo democrático das sociedades ocidentais, já se começa a enraizar em diversos países da Europa e ganha espaço devido a um conjunto de fatores. Um deles é o grave descontentamento que advém da falta de acesso e influência dos/as cidadãos/ãs aos espaços legítimos de poder. Este afastamento progressivo dos mecanismos de participação tradicionais, pela população em geral e, em particular, pela juventude, é extremamente perigoso para as sociedades atuais dado que frequentemente leva ao voto em partidos dos extremos políticos, ou em partidos populistas, contrários, nos seus valores e fundamentos, à democracia, aos Direitos Humanos e aos valores fundamentais das nossas sociedades ocidentais.

A participação dos/as jovens nos processos de tomada de decisão é um dos mecanismos fundamentais para a construção de cidadãos e cidadãs ativos/as, críticos/as e plenos/as no seu exercício de cidadania, em duas dimensões nucleares. A primeira é a vertente peda-

gógica. Não podemos apenas exigir que os cidadãos/ãs participem num vácuo. É necessário criar uma cultura de participação que comece no espaço da escola, da sociedade civil, e do poder local, através da criação de projetos que sensibilizem e permitam aos/às jovens e crianças vivenciarem os processos de tomada de decisão e o exercício democrático de pensar o seu território e comunidade.

A segunda dimensão está relacionada com os instrumentos e espaços para a participação efetiva de crianças e jovens nos processos de tomada de decisão. Esta dimensão é fundamental para credibilizar e fundamentar a participação de crianças e jovens, enquanto cidadãos/ãs com ideias e capacidade de intervenção na tomada de decisões sobre o seu espaço e território.

Só através do trabalho nestas duas dimensões é que conseguiremos preparar cidadãos e cidadãs que conseguem agir sobre os seus territórios e reivindicar os seus direitos, trabalhando e defendendo o nosso sistema democrático numa fase em que ele nunca esteve tão debilitado e frágil. Este é um grito de alerta que já deveria ter acordado os nossos governantes, assim como a sociedade civil de forma a que possamos trabalhar, com qualidade, a educação para a cidadania na sua dimensão pedagógica, bem como na criação de espaços de participação nas mais variadas vertentes e dimensões da vida democrática de cada cidadão e cidadã.

### 3. FORMAÇÃO

6 a 10 de julho

Como fazer ativismo digital? Qual a vantagem do ativismo? Como comunicar de forma a alcançar todos sem excluir alguém?

São questões muito práticas que estiveram em foco nesta terceira fase da Academia.

Nesta fase contamos também com as vossas experiências, em formações co-criadas pelos/as participantes, cuja articulação foi elaborada diretamente com quem se propôs.

Foram todos/as convidados/as para participar no *workshop* The Art of Storytelling. Nos restantes *workshops*, a participação dependeu da área de interesse de cada um e cada uma.

6 de julho | 10,00 h. - 13,00 h.

**Workshop Tha Art os Storytelling -**

**George Blokus, School of Political Hope, Alemanha**

*(tadução simultânea inglês-português)*

8 de julho | 11,00 h. - 12,30 h.

**Training colaborativo**

8 de julho | 16,30 h. - 18,00 h.

**Training colaborativo: Campanha #Go EATHical**

9 de julho | 11,00 h. - 12,30 h.

**Workshop Media Activism - Carolina Salgueiro Pereira, Sathyam Project | Tipping Up | HeForShe | SDGAction**

9 de julho | 16,30 h. - 18,00 h.

**Workshop Artivismo - Ana Flachs, Artivism; Diogo Silva, Climaximo | 2DegreesArtivism**

10 de julho | 11,00 h. - 12,00 h.

**Feminismo - Ana Bragança e Tilla Cappelletto**

2 de julho | 10,30 h. - 12,30 h.

**Workshop Comunicação Inclusiva - Catarina Marques Rodriguez, RTP | Chicas Poderosas**

10 de julho | 16,30 h. - 18,00 h.

**Training colaborativo**



# BIBLIOTECA DE RECURSOS

## 4. CHALLENGE

13 a 24 de julho

Quem estava interessado/a em começar a implementar ideias e desenvolver projectos de ativismo, podia aproveitar a Academia de Ativismo como um ponto de partida para o seu percurso. A fase Challenge servia para isso: nós, juntamente com profissionais do mundo da cooperação e ativistas que participaram na fase de inspiração, estivemos disponíveis para apoiar, desde o desenvolvimento até à concretização das ideias, facilitando o acesso a parcerias locais e oportunidades de apoio financeiro. Existiu a possibilidade de se realizar sessões de mentoria individual ou em grupo.

Esta edição da Academia terminou com um encontro digital no dia 24 de Julho de 2020.

**Primeiro esboço das ideias elaboradas pelos/as participantes que autorizaram a partilha do título da iniciativa.**

**ANA SOFIA SOUTO**

Xs Migrantes e o Covid

**BEATRIZ COUTO**

Livro ODS para crianças

**FRANCISCO LEAL**

Guardiões da Comunidade  
Limpeza de Zonas Naturais

**FRANCISCO PAUPÉRIO**

Podcast de divulgação social

**GABRIELA LEITE**

Jogo Cooperativo

---

**JOANA FREITAS**

Projeto Sou(l)+

**JOANA MARTINS**

Documentário crise climática Cabo Verde

**MARGARIDA COELHO**

Assédio nas ruas

**MARIANA MAZZA**

Horta Comunitária no Porto

**MILTON VARELA**

ODS em Vialonga

**Mourana Monteiro**

Escolas Sorridentes = Crianças Resilientes

**PEDRO PINTO**

Reprovação Ciganos

**RAQUEL SERDOURA & MARIA CASTANHEIRA**

Feminismo por miúdos

**EQUIPA**  
**DA**  
**ACADE**  
**MIA**



Antropóloga de formação e de coração. Para mim, a antropologia é uma aprendizagem de vida – aprender das perspetivas dos/as outros/as, desconstruir hierarquias e valorizar diferentes conhecimentos. As minhas áreas de interesse são diversas. Vão do desenvolvimento urbano à igualdade de género, da participação e dos movimentos sociais à precarização e ao turismo.

De 2017 e 2020, trabalhei como colaboradora científica na representação portuguesa da *Fundação Friedrich Ebert*, tendo feito parte da organização da primeira edição da *Academia de Ativismo*. Participar na criação desse espaço de encontro, debate e aprendizagem entre jovens deu-me mais esperança em relação ao futuro. Se há tantas pessoas que querem fazer a diferença, ainda não está tudo perdido!



Licenciada em Relações Internacionais e pós-graduada em Estudos da Paz e da Guerra. Iniciei a minha atividade profissional no Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais e, desde dezembro de 1999, sou gestora de projetos nacionais e europeus na Unidade de Cidadania Global no *Instituto Marquês Valle Flôr*.

Ao contrário de tantos outros especialistas em Cidadania Global sou generalista, precisamente porque as interligações entre temas globais precisam de ser analisados de forma multidisciplinar.

Ao participar na *Academia de Ativismo* descobri novos autores, novos textos, novas abordagens e ideias e encontrei jovens ativistas que não vão cruzar os braços perante os desafios que hoje enfrentamos e que somente juntos conseguiremos dar resposta.



Licenciado em Serviço Social pela Escola Superior de Educação e mestre em Intervenção Social Escolar. Nestes anos de trabalho tenho desenvolvido a minha atividade profissional principalmente com crianças e jovens, o que tem sido um constante desafio. Estive envolvido em diversos projetos ligados à juventude na *Associação EcoGerminar*, na qual sou voluntário. Participar na *Academia de Ativismo* foi uma constante aprendizagem. Estar com jovens aprender, com eles/as, partilhar experiências e saberes – foi sem dúvida uma Academia muito rica. A preparação desta, a sua realização e todos os momentos de partilha tiveram ótimos resultados. Foi muito gratificante ver o entusiasmo de todos/as os/as participantes neste processo. Só tenho a agradecer a oportunidade de fazer parte desta academia tão especial.



Licenciada em Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental. Em 2005 descobri a *Animar*. Compreender a ligação entre o Desenvolvimento Comunitário e o Desenvolvimento Local contribuíram para a paixão que tenho pelo meu trabalho. Depois realizei um estágio profissional e, apesar das outras experiências que vou desenvolvendo, continuo ligada à *Animar*. Sou formadora na área do associativismo, da gestão e acompanhamento de projetos. Gosto de fazer voluntariado. A *Academia de Ativismo* surgiu a partir de um sonho que tínhamos na *Animar*: fazer uma academia de formação com jovens, sensibilizando-os/as para o desenvolvimento local. Foi uma experiência muito interessante e enriquecedora, onde senti aprender todos os dias, a que gostaria de dar continuidade no futuro!



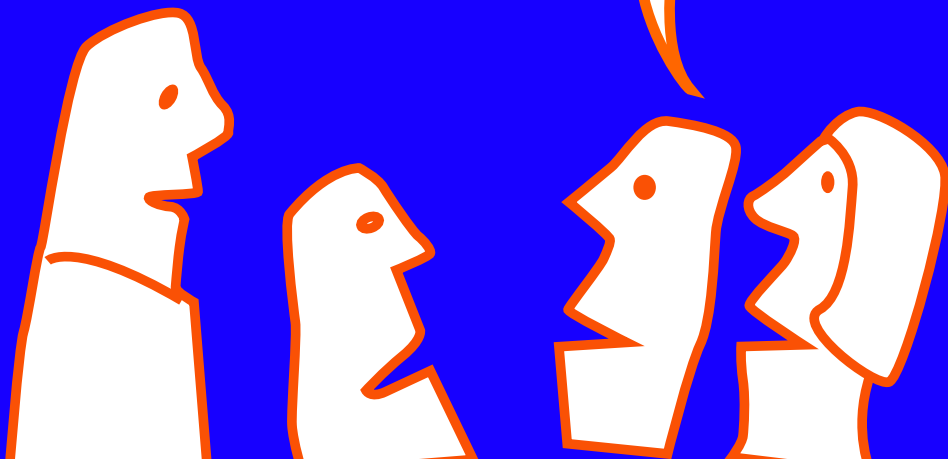
Nascido em Itália, fui educado nos valores católicos. Muito cedo comecei a praticar a solidariedade, a reciprocidade e a gratuidade através do voluntariado local e internacional. Licenciado em Ciências Políticas, ganhei experiência como trabalhador social/juvenil (interculturalidade, inclusão social e saúde mental) em escolas, igrejas, empresas sociais e municípios. A nível internacional, no domínio do *Youth Work*, mudei-me para Portugal finalizando um Mestrado em Desenvolvimento Local. Vivo em Lisboa, sou promotor da Área da Juventude da Animar. Fui coorganizador da *18th Youth International Conference Krusevo (MKD)*, e cofundador e diretor da organização juvenil *Drum Bun (IT)*. *Academia de Ativismo* fez-me descobrir a alma amável e audaz dos/as jovens portugueses e as bases de um possível caminho conjunto.

Apesar de não ter participado tanto quanto gostaria, estou imensamente grata e orgulhosa pelo trabalho e dedicação da Academia!

O ativismo é importante, na medida, peso e conta certa. Fico certo que a Academia me abriu a porta para o ativismo, a vida dos meus projetos e para aquilo em que acredito – que um dia jovens e ideias se fundam num misto de empreendedorismo útil e bonito!

Semanas de inspiração, que me encheram o coração! Pessoas fantásticas, com ideias incríveis. Gostava de as conhecer melhor, pois somos muito compatíveis. Obrigada à Academia por me aberto a mente. Com os horizontes alargados, seguimos alegremente!

Foram semanas de debates, conhecimento, risos e muita diversão, (uma ótima forma de se passar o Verão). Conheci pessoas que quero levar para a vida e com quem quero mudar o mundo. Parece que isto tudo aconteceu há menos de um segundo!



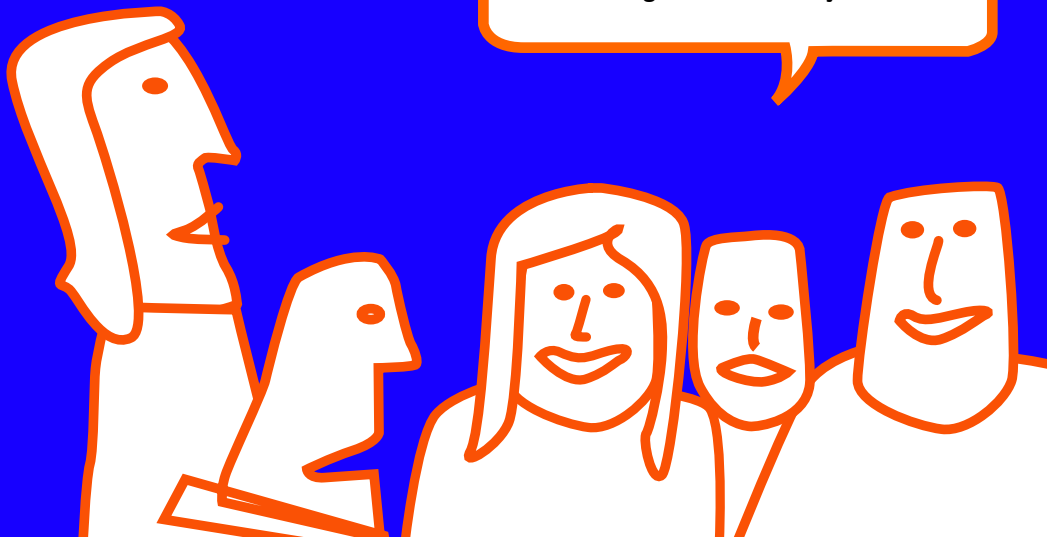
Conhecimento,  
experiência e partilha...  
Quem poderia vir a dizer que  
um dia Eu viria a fazer parte  
desta família!

Rodeada por almas similares,  
nada posso temer. Circundada  
por vozes de luta, não me  
poderei calar, avançando rumo a  
um futuro melhor e mais justo.

Não me faltavam tarefas a  
cumprir, mas tinha défice de  
energia e inspiração.

A Academia de Ativismo  
recarregou-me a coragem e  
o entusiasmo, e mostrou-me  
que somos muitos a querer  
entrar em ação!

Para mudar o futuro é preciso pensar  
“fora da caixa”; não nos podemos  
deixar ficar de cabeça baixa.  
Na Academia de Ativismo aprendes  
a ter perseverança, a ser gente, ser  
persistente e, principalmente, a ser  
agente de mudança!



*Recomeça....*

Se puderes  
Sem angústia  
E sem pressa.  
E os passos que deres,  
Nesse caminho duro  
Do futuro  
Dá-os em liberdade.  
Enquanto não alcances  
Não descanses.  
De nenhum fruto queiras só metade.

E, nunca saciado,  
Vai colhendo ilusões sucessivas no  
pomar.  
Sempre a sonhar e vendo  
O logro da aventura.  
És homem, não te esqueças!  
Só é tua a loucura  
Onde, com lucidez, te reconheças...

Com inocência comecei uma jornada  
– uma caminhada associativa e  
política conquistei.  
O sucesso, devo-o ao conhecimento  
e informação que fui adquirindo na  
Grande Academia de Ativismo.

O ativismo de verdade vive da  
solidariedade e diversidade.  
De nada serve o ativismo  
isolado - a chave é a  
interseccionalidade!

Curiosidade,  
Criatividade, Coragem.  
Tudo o que é preciso  
para a minha viagem.









## MANIFESTO





Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Social Europeu